

Uma nova esquerda surge em Brasília

GONZAGA MOTTA
Colaborador

O melhor exemplo do "voto Frankstein", composto com candidatos de diferentes partidos políticos, será o do eleitorado da esquerda de Brasília. Ele vai usar e abusar deste tipo de voto. A maioria dos eleitores da esquerda (aqueles que se identificam com os princípios do socialismo e as causas dos trabalhadores) vai montar o seu voto no dia 15 com candidatos de vários partidos, alguns até rivais.

Entre os candidatos ao Senado Federal, a chapa mais comum da esquerda é a composta por Lauro Campos, do PT, Carlos Alberto, do PCB e Pompeu de Sousa, do PMDB. Há, no entanto, outras variantes, de acordo com a tonalidade ideológica do eleitor. Muitos preferem excluir um destes candidatos acima e completar a lista com o nome de Maerle Ferreira (PMDB). Outros combinam dois destes nomes com o de Lindberg Aziz Cury (também do PMDB) e outros ainda, com o de Maurício Correa (PDT). Entre os candidatos ao Senado mais cotados nas prévias, parece que só Meira Filho (PMDB), Osório Adriano (PFL) e José Ornelas

(PL) não entram na composição dos votos da esquerda. São identificados como de direita, no máximo como de centro-direita.

Para a Câmara, independentemente dos nomes escolhidos para o Senado, os candidatos mais cotados na esquerda de Brasília são os de Luis Carlos Sigmaringa (PMDB), Augusto Carvalho (PCB), Fernando Tolentino (PC do B/PMDB) e Hélio Doyle (PDT). Geraldo Campos, embora com prestígio entre os eleitores, corre em faixa própria. Ele parece não estar sendo considerado um candidato identificado com os movimentos da esquerda do DF. Já a maioria dos candidatos do PT, um partido nitidamente de esquerda, estão pouco cotados nas prévias. Eles só deverão ter mesmo os votos dos eleitores previamente alinhados com este partido. Entre os partidos de esquerda, o PT parece ser o mais fechado ideologicamente, não permitindo alianças. Isto o isola na ponta esquerda do time eleitoral. Só joga quem chuta com a canhota o tempo todo.

O fato interessante de

tudo isto é que, se por um lado os partidos e as várias facções de esquerda se dividiram (como sempre) na hora de escolher os candidatos fragmentando suas forças, por seu lado o eleitor juntou de novo as peças e compôs sem preconceitos o seu voto, procurando apenas manter uma mínima coerência ideológica. Mais informado do que a média dos eleitores — porque é mais militante — o eleitor da esquerda de Brasília aparentemente não segue a ortodoxia dos partidos. Ele monta sua chapa unindo PT e PCB ou PMDB e PDT, partidos rivais em suas lutas políticas e adversários ferrenhos em outros estados nestas eleições.

Parte da explicação sobre isto deve-se ao fato dos candidatos de esquerda evitarem na campanha a radicalização política, mascarando um pouco suas posições políticas. Embora tenha havido um discurso coerente na TV, por exemplo, os candidatos evitaram temas muito polêmicos e quando tocavam neles, assumiram posições relativamente conciliadoras, mais próximas ao centro, evitando comprometer-se demais. Sem a TV a campanha

possivelmente seria mais radical. Com a TV, a campanha veio para o centro. Ninguém quer arriscar-se a perder eleitor e não há mensagens muito diferentes entre os candidatos de esquerda. Eles parecem todos defender as mesmas teses.

Parte da explicação pode de estar também no fato de ninguém saber ao certo onde está nem qual a força verdadeira do eleitorado de esquerda em Brasília. Muitos candidatos a deputados com esta posição política procuraram localizar a campanha em certas áreas específicas. Alguns concentraram esforços na faixa do funcionalismo público. Outro são fortes entre os bancários, entre jornalistas ou professores, entre trabalhadores avulsos ou estudantes. Cada um talvez tenha uma área onde se sinta mais forte eleitoralmente. Mas, os próprios candidatos reconhecem que seus eleitores estão difusamente espalhados em diferentes categorias profissionais ou regiões da cidade e dão mostra que estão satisfeitos com isto. A dispersão de eleitores em diferentes lugares ou áreas profissionais ajuda a difundir mais o candidato. Assim,

pelo menos nesta eleição, não há redutos de esquerda entre o eleitorado.

Deste despojamento político-partidário do eleitor da esquerda e dessa dificuldade dos candidatos em definir os limites ou o perfil de seus eleitores parece estar surgindo em Brasília um fenômeno interessante. Certos candidatos progressistas, alguns deles com boa chance de vitória, estão conseguindo extrapolar os aspectos políticos e sensibilizar eleitores não necessariamente da esquerda. Além de uma campanha limpa, eles aparecem bem na televisão, têm uma imagem simpática e, principalmente, conseguem passar uma mensagem de confiança, que nada tem a ver com a velha ação política clientelista e corrupta. Mais ainda, a imagem que eles passam não tem a ver também com o ortodoxismo tradicional dos partidos marxistas nem com a intransigência irritante dos radicais. Eles formam o que se poderia chamar de a nova esquerda de Brasília.

Gonzaga Motta é professor do Departamento de Comunicação da UnB.